

03-09-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da 8ª Olimpíada do Conhecimento 2014 - Belo Horizonte/MG

Belo Horizonte-MG, 03 de setembro de 2014

Eu inicio cumprimentando a todos aqui presentes.

E quero iniciar também saudando o Robson Andrade, presidente da CNI.

Saudando o Olavo Machado Júnior, que é o nosso presidente da FIEMG.

Saudando todos os representantes, aqui, da indústria nacional, de todas as federações de todo o nosso país.

Cumprimentar também o ministro Henrique Paim, da Educação; Clelio Campolina Diniz, da Ciência e Tecnologia e Thomas Traumann, da Secretaria de Comunicação Social.

Quero também cumprimentar o Fernando Pimentel, ex-ministro, que é responsável, foi responsável, aliás, pela política industrial que eu vou relatar aqui, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

Cumprimentar também um empresário que para mim é muito importante, porque eu tive a honra de servir no governo do presidente Lula com o nosso Zé Alencar, cumprimentar aqui o Josué, um grande empresário.

Cumprimentar também o ex-ministro da Agricultura Antônio Andrade.

Cumprimentar o Rafael Lucchesi, diretor-geral do Senai.

O Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi.

O José Cláudio dos Santos, presidente em exercício do Sebrae.

Cumprimentar a todos os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Olha, a visita que eu acabei de realizar, aqui, hoje, ela mostra a força, o potencial que a educação combinada com a inovação pode ter e, certamente, terá no futuro do nosso país. A 8ª Olimpíada do Conhecimento, na verdade, ela é como se a gente abrisse uma cortina e mostrasse o caminho do futuro.

Tem outra pessoa aqui que eu queria cumprimentar nessa questão do caminho do futuro, pelo lado tanto da educação quanto da pesquisa na área médica, que é o Walfrido Mares Guia, tanto pela sua atuação na área de educação quanto pela sua atuação no desenvolvimento de tecnologia específica na indústria médica.

Bom, mas como que estava falando, aqui a gente abre uma cortina, e o que nós vemos? Nós vemos os passos fundamentais que o Brasil tem de continuar dando e tem de acelerar em direção ao futuro. Os alunos que estão aqui, eu fico extremamente realizada pelo fato de 82% serem do Pronatec, e alguns, também, serem do Ciência sem Fronteiras. Essa combinação, Pronatec e Ciência Sem Fronteiras, algo muito importante porque o Pronatec internaliza no Brasil uma das coisas principais que é a geração de oportunidades para a formação técnica. Enfatiza essa formação técnica e mostra que ela tem dois aspectos: um aspecto que é a formação técnica de nível médio, que são cursos de um ano e meio e tem

uma outra parte que são cursos mais curtos, mas nem por isso, menos importantes. Por quê? Porque com eles você pode construir o que se chama itinerário formativo - traduzindo para português, seria o caminho da formação. A pessoa começa fazendo um curso de eletricista, depois ele faz um curso de eletrotécnico e depois ele segue num curso técnico. Então, o ambiente aqui é o ambiente que liga estudo, experimentação, tecnologia e inovação. E cria um conjunto de brasileiros e brasileiras que é aqueles que, de fato, nós queremos que sejam a base de um país de classe média. Um país em que o conjunto dos jovens, ou será de técnicos, de universitários, de pesquisadores, mas em que o foco da educação é fundamental, tanto para se garantir que a redução da desigualdade que nós conseguimos nesses últimos 12 anos, quando nós mudamos uma realidade que era a seguinte: mais da metade dos brasileiros em 2003 eram de muito pobres ou extremamente pobres; 54 % para ser precisa. E hoje nós temos em torno de em cada quatro brasileiros, três estão na classe média ou na chamada A e B. Houve uma mudança do perfil social do país em termos de renda. Essa mudança para ser uma mudança permanente, ela vai exigir de nós o que está sendo feito aqui hoje. Vai exigir de nós aplicação da educação usando a ciência da tecnologia e produzindo inovação. É isso que será o caminho do futuro, tanto para a gente assegurar que haja, de fato, uma redução efetiva da desigualdade, quanto para a gente entrar na economia do conhecimento agregando valor cada vez de forma mais sofisticada aos nossos produtos, aos nossos serviços.

Eu quero aqui, também, reconhecer a importância da parceria sem a qual nós não teríamos avançado. E eu me refiro à parceria com o Sistema S. Essa foi uma parceria muito bem sucedida. Essa parceria consiste na junção das estruturas do governo federal, os institutos federais de educação e ensino tecnológico e, por exemplo, uma instituição como o ITA e o Sistema S. E aí, eu tenho de reconhecer a importância que a presença do Sebrae teve para que nós chegássemos a isso. Primeiro, pela qualidade dos cursos que apresenta; segundo, porque o Pronatec foi, não apenas esse generoso programa de formação de 8 milhões de brasileiros e brasileiras, mas também um investimento feito com a ajuda do BNDES, um investimento feito, basicamente, nos institutos de inovação do SENAI e nos institutos tecnológicos do SENAI. Esse será um complemento de futuro, como disse o presidente Robson, em torno de 2,5 bilhões. Com isso, nós estamos capacitando um segmento importante da estrutura de ensino técnico do nosso país, que faz parceria com várias instituições, o MIT, a Fundação Prowolfen, mas também que se complementa com o fato de 100 mil brasileiros terem ido estudar nas melhores instituições de ensino na área de Ciências no exterior, e que vai, tanto uma como a outra, ter continuidade porque a nossa previsão é que sejam, para o próximo período, 12 milhões para o Pronatec, mais 100 mil brasileiros estudando no exterior. Mas não é só estudando, é também fazendo estágios no exterior.

Essa parceria, para mim, então, ela foi crucial nesse meu período de governo. Isso significa que nós tivemos uma preocupação e uma visão, e aí eu quero defender aqui, o fato que o Brasil tem de continuar fazendo política industrial. Por política industrial eu entendo que o Pronatec e todo esse esforço na área dos institutos, a gente voltar a investir em Institutos Federais de Educação e escolas técnicas federais - quero lembrar os senhores que em 2005 isso era proibido, o Brasil não podia investir em institutos, em, aliás, em escolas técnicas, como também por essa imensa parceria que nós fizemos implementando os institutos Senai de inovação e de tecnologia.

Esta é uma parte estratégica, este é, de fato, um dos alicerces do futuro. Mas eu acredito que existem outros. Eu não quero, aqui, dar a impressão que eu acho que tudo foi feito. Eu não acredito nisso, acho, inclusive, que vivemos uma situação bastante complexa na indústria... Agora, eu só me pergunto e pergunto a vocês o que seria se nós não tivéssemos tomado as medidas que tomamos na área industrial e no reconhecimento que a indústria é estratégica para o país e que uma política industrial é necessária. É possível que alguns de vocês na atual conjuntura, quando a incerteza do cenário internacional se mistura com o debate eleitoral, questionem a eficácia dessa nossa política. Mas apesar de eu respeitar a posição - acho que as posições num país como o nosso, democrático, têm que ser respeitadas, eu gostaria que o Brasil estivesse crescendo num ritmo muito mais acelerado, mas é aquilo que eu estava dizendo antes: imaginem o que aconteceria se nós não tivéssemos tomado essas medidas, que são medidas tanto, que protegeram, eu acho, as nossas condições de ter um

futuro que garanta uma expansão e uma qualificação da nossa indústria. Se a gente não tivesse adotado, por exemplo, uma política de compras públicas baseada no conteúdo local, se a gente não tivesse adotado uma política de crédito subsidiado à indústria, como é o caso do PSI; se a gente não tivesse, inclusive, formatado programas setoriais, sim, como é caso do Inovar-Auto, imaginem o que teria acontecido?

Eu queria dizer que hoje nós devemos fazer esse balanço não para ficarmos satisfeitos com o que já fizemos, mas para continuarmos a fazer. Eu estive na CNI há um tempo atrás e naquela circunstância eu declarei que eu considerava tão importante a política industrial e a política de desenvolvimento em geral que eu faria um Conselho de Desenvolvimento ligado diretamente à Presidência da República, e eu reitero hoje, novamente aqui, esse meu compromisso. Obviamente, novo governo, novas e, necessariamente, atualização das políticas e das equipes.

Agora, eu gostaria de fazer um rápido balanço. Primeiro, eu me refiro a uma política industrial feita e que aponta caminhos. Primeiro: a redução do custo do trabalho através da eliminação da Contribuição Previdenciária sobre a Folha de Pagamento que beneficiou, de forma permanente, 56 setores, e medidas para reduzir e atender a demanda dos industriais sobre o custo do trabalho. Isso também se traduz como uma medida de proteção ao emprego.

Nós reduzimos também fortemente a tributação sobre bens de capital, desonerando o IPI e assegurando apropriação imediata dos créditos de PIS/Confins. Tudo isso para estimular o investimento. Tomamos medidas típicas, sim; tomamos medidas setoriais, sim, para enfrentar a redução do consumo e para melhorar as condições do nosso mercado, principalmente reduzindo IPI de automóveis, linha branca, móveis, painéis e materiais de construção. E manter, sim, como eu disse, o dinamismo do mercado consumidor.

Uma das coisas que eu acho mais importante foi termos ampliado as faixas de enquadramento do Simples e também esta última legislação que nós aprovamos e sancionamos que é a universalização do Simples, que é um passo na reforma tributária. Agora, uma coisa eu queria destacar e muito me preocupa isso: a questão dos bancos públicos. Os bancos públicos foram mobilizados diante da crise de 2009 - era uma crise, eminentemente, uma crise de crédito -, eles foram mobilizados para assegurar que não houvesse um choque de crédito no Brasil que levasse a uma catástrofe econômica, quando em 2009, o crédito desapareceu do mercado diante da quebra do setor financeiro internacional, e aí, os bancos públicos cumpriram o papel. Mas eles cumprem um outro papel muito importante, e aí, a gente sabe disso pelo PSI, o Programa de Sustentação de Investimento. Se não houver, nas condições e nos prazos feitos, tanto pelo BNDES, no caso, de todo setor industrial do Banco do Brasil, no caso todo o setor agrícola e no caso da Caixa, no caso dos programas de habitação como o Minha Casa, Minha Vida, se não tiver crédito subsidiado, crédito de longo prazo, crédito que assegure as condições de expansão, nós teremos um problema muito sério. Não há condição de fazer habitação popular a preços de mercado, por que a pessoa que ganha R\$ 1,600,00, ela não tem como comprar um apartamento de R\$ 60 mil, ou uma casa de R\$ 60 mil mínimos. Ou ela, tem uma complementação da sua prestação ou ela não compra. No caso, da política industrial, eu acho absolutamente justificado, que o nosso país pratique uma política de expansão do investimento. O PSI é isso, é estimular primeiro a renovação do parque industrial, é estimular também a expansão do investimento, portanto.

Com isso, eu acredito que é muito importante a gente ter os bancos privados fazendo isso também, mas enquanto não fizerem nas mesmas condições que os bancos públicos fazem, eu não vejo justificativa para que a gente retire os bancos públicos dessa atividade. Não vejo justificativa.

Eu considero ainda, muito importante que o BNDES cumpra esse papel de ativador da atividade, tanto industrial como agrícola também, quando for o caso, como na área de bens intermediários como celulosas, siderurgia etc. Mas, sobretudo, eu considero fundamental que, na área industrial, nós tenhamos feito uma política de conteúdo local.

Hoje a política é a seguinte, todos os produtos produzidos no Brasil, têm margem de preferência de 25%. Alguns setores têm uma política de conteúdo local específica. Muitos, hoje, nesse momento eleitoral, criticam essa política. Bom, eu acho que é importante analisar um exemplo, um simples exemplo, a indústria naval brasileira. A indústria naval brasileira era a segunda maior do mundo nos anos 80. A gente estava ali, até um pouco acima da Coreia.

Bom, de 1980 para 1990 nós fomos reduzidos a pó. E agora, quando nós voltamos com uma política de conteúdo nacional, que não é uma política tradicional, é assim: o que pode ser produzido no Brasil deve ser produzido no Brasil, com prazo, qualidade e preço competitivos, mas prioritariamente produzidos no Brasil. Isso possibilitou que essa indústria naval, que estava inteiramente sucateada, se transformasse na quarta indústria mundial de produção de plataformas, sondas, navios e equipamentos. Ora, gente, isso tem um efeito na vida das pessoas. É oferecer para o Brasil um aumento de mais de 10 vezes, em termos de emprego, do que tinha em 2003, que tinha em torno de 7 mil - 2002, sete mil - e hoje, nós, julho, temos 81 mil. E teremos ano que vem, em 2015, 100 mil empregados nessa área, e é uma indústria extremamente sofisticada.

Agora, é importante perceber o fator de desenvolvimento dinâmico da indústria que será a indústria de petróleo no Brasil. O Brasil conseguiu descobrir a 7 mil metros de profundidade, para quem não sabe, o petróleo lá no fundo do mar e tirar o petróleo de lá. Tanto que isso deu certo que a ANP, nessa semana que passou, divulgou a produção de petróleo do pré-sal com um aumento de mais de 62%. Qual é o resultado disso para a indústria? Para a indústria é que essa indústria vai demandar a construção de plataformas sofisticadas e cada vez mais emprego. Vai demandar móveis, porque dentro de uma plataforma tem móveis. Vai demandar a indústria de plástico, vai demandar todos os setores industriais. E ela, como a gente vê aqui também nessa 8ª Olimpíada do Conhecimento, a indústria de petróleo e gás do Brasil, ela tem um forte componente de criar tecnologia, de criar inovações e de difundir essas tecnologias e essas inovações pelo resto de todo o segmento industrial.

Agora não é só isso, não. É que a lei converteu o petróleo numa poderosa máquina na área de educação e saúde. Nós vamos transformar, então, uma riqueza que é... não é uma riqueza permanente porque ela não é renovável, né? O petróleo, você explora e ele termina. Vai transformar não só em emprego, mas vai transformar a parte relativa ao recurso que fica para o governo federal em mais investimento em saúde e educação. Mas em educação, especificamente, vai significar não só a melhor educação básica, mas também melhor pagamento a professores. É inconcebível a gente achar que nós teremos uma educação de qualidade sem ter professores qualificados. Não existe uma coisa com a outra, não bate.

Então, eu acredito que tudo isso vai permitir que nós tenhamos um grande desenvolvimento. Até porque a política de compras, hoje, exige que 60% de tudo o que for aplicado para extrair petróleo, seja feito pela indústria nacional. É fato, e é uma reivindicação que a CNI fez para o governo, que nós temos de aferir se estão, de fato, aplicando 60%, e não computando, por exemplo, custos administrativos como 60% de conteúdo local, o que não está correto. Aí, é necessário, sem sombra de dúvida, ver a quantidade de peças, partes, equipamentos que está sendo computado como conteúdo local. Agora, que é um grande fator de dinamismo para a indústria brasileira, é, de fato.

Eu queria também dizer para vocês que uma das coisas que eu mais, eu considero mais importantes é, justamente, a aplicação nos Institutos Senai de Inovação e Institutos Senai de Tecnologia. Recentemente, eu visitei o aqui do Horto, estive lá no Paraná - infelizmente não pude visitar ele inteiro - mas estive no Simatec. E, de fato, eu acho que nós estamos dando um salto com esses institutos. Quando ficarem prontos os 26 Institutos Senai de Inovação e os 60 Institutos Senai de Tecnologia, eu acredito que essa será uma grande contribuição para a gente desenhar o que nós queremos com o futuro da indústria.

De outra parte, eu queria encerrar dizendo para vocês o seguinte: eu acredito que nós temos de apostar na melhoria da produtividade no Brasil. Nós queremos um Brasil moderno, inclusivo, produtivo e competitivo. Para a melhoria da produtividade no Brasil, nós estamos aqui numa área fundamental que é essa área de inovação da indústria. Porque a indústria, ela se liga aos demais setores, tanto ao setor de serviço como agricultura. Nós temos hoje

uma agricultura sofisticada, na verdade nós temos toda a base para uma agroindústria extremamente sofisticada, como temos também cada vez mais essa relação complexa entre indústria e serviço.

Então, eu considero a 8ª Olimpíada do Conhecimento, a participação na Worldskills, a participação, por exemplo, na Olimpíada da Matemática do Brasil, eu considero tudo isso como os grandes sinais que apresentam o futuro nessa área. Nós temos de apostar muito em inovação. Acredito que a Embrapii e as plataformas do conhecimento, elas fazem a ligação entre - uma coisa que é fundamental - a indústria, a academia, os pesquisadores, os laboratórios, as diferentes linhas, tanto privadas como públicas, que sustentam a pesquisa no Brasil, e o governo, mostrando que é essa parceria que leva o Brasil para frente. Não é só um empurrando, nós todos empurrando juntos. Então, eu estou resumindo aqui, na Embrapii e nas Plataformas de Conhecimento, esse processo em que nós teremos de aumentar, e muito, o investimento em inovação, aumentar e muito investimento em educação - e aí, educação é da creche à pós-graduação - unir cada vez mais esse processo de educação, criação de inovação, pensamento científico e estreitamento das nossas distâncias para os países que mais disputam nessa área de inovação e pesquisa científica e tecnológica.

Por isso, eu tenho certeza que nós construímos aqui um alicerce para o futuro.

Muito obrigada.

12-09-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante assinatura do Decreto de Renovação da Garantia da Lei e da Ordem - Rio de Janeiro/RJ

Rio de Janeiro-RJ, 12 de setembro de 2014

Primeiro, eu gostaria muito de cumprimentar o nosso querido governador do Rio de Janeiro, o Luiz Fernando Pezão, e o meu querido prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Hoje, inclusive, eu senti falta que ele dissesse como ele é uma pessoa feliz, porque ele governa a cidade mais bonita do Brasil. E ele acha que todo mundo tem inveja dele por isso. É uma convicção que eu admiro no Eduardo, e concordo, até porque viver no Rio de Janeiro deve ser uma bênção, não é, Eduardo?

Bom, eu queria cumprimentar também o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo,

E cumprimentar também o ministro da Defesa, Celso Amorim,

Queria cumprimentar, aqui, os comandantes militares: o almirante-de-esquadra Wilson Barbosa Guerra, interino da Marinha; o general de exército Enzo Martins Peri, do Exército; o tenente-brigadeiro-do-ar Juniti Saito, da Aeronáutica.

E queria dirigir um cumprimento, muito especial, ao general José Carlos de Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,

Queria cumprimentar também o secretário estadual de Segurança Pública, José Mariano Beltrame,

Cumprimentar também o chefe da Polícia Civil, Fernando Peixoto... Veloso, desculpa, Fernando - não me botaram aqui mas eu escutei. Então, estou te cumprimentando porque nós aqui estamos num ato muito especial.

Queria também cumprimentar as senhoras e os senhores deputados estaduais. E eu queria cumprimentar, em nome deles, a Cidinha Campos.

Queria também cumprimentar as senhoras e os senhores líderes comunitários aqui, do Complexo da Maré,

Queria cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu acredito que aqui, no Rio de Janeiro, nós demos início a uma relação muito importante, uma relação de integração e cooperação entre o governo federal, o governo do estado e também o governo do município, no que se refere à prefeitura do Rio de Janeiro.

Mas essa relação governo federal e governo do estado, ela permitiu que nós constituíssemos uma parceria em torno da questão da segurança pública. Aqui, nós iniciamos essa parceria através de uma concepção em que nós iríamos dar sustentação a toda a política de recuperação de territórios de alta vulnerabilidade social, onde se localizava o território que organizava o crime em várias facções.

E fizemos isso porque acreditávamos que esse era um elemento fundamental da questão relativa a nosso dever em relação à população. Há um preceito constitucional que atribui aos estados a questão da segurança pública. Nós discordamos desse preceito, porque achamos que o papel do governo federal tem de ser um papel ativo na área da segurança pública, não

pode ser um papel de simples repassador de fundos. E aqui nós estamos num momento especial. Num momento em que fica claro o caráter dessa parceria. É uma parceria que implica numa relação que respeita, onde se respeita a linha de comando de cada uma das instituições da área de segurança pública. No caso do Estado, das polícias militares e da Polícia Civil; no caso da União, Polícia Federal, a Polícia Rodoviária Federal, a Força Nacional de Segurança Pública e o apoio das Forças Armadas para atos na área de garantia da lei e da ordem.

Essa foi a origem - a origem - de toda uma transformação, parte daqui, do Rio de Janeiro, a origem de toda uma transformação na área da nossa concepção sobre segurança pública. Começa aqui essa política de integração com os entes federados. Aqui, teve lugar a mais forte integração, a mais forte cooperação. Isso também foi feito no plano federal porque nós passamos a atuar em várias áreas, mas eu queria aqui destacar, sobretudo, o plano estratégico de fronteiras onde fizemos uma integração entre a ação da Polícia Federal, e do Ministério da Justiça, mais a Rodoviária Federal, mais a Força Nacional de Segurança Pública numa operação específica, que é a Sentinela junto com a Operação Ágata, que era liderada, conduzida pelo Ministério da Defesa e pelas Forças Armadas. Eu acredito que tudo isso, essa experiência aqui do Rio de Janeiro, a nossa experiência nacional, todas as nossas iniciativas em relação às questões de lei, de ordem, isso que nós assinamos aqui hoje, posteriormente, foi adotado em outros estados. Começou aqui, começou por essa integração e por essa cooperação que eu considero uma das mais, eu diria um dos meus maiores orgulhos. Tenho muito orgulho, Pezão, de ter participado com você em todos os processos que conduziram a esse nível de integração entre nós. E desembocou na nossa política de segurança durante a Copa do Mundo, em que nós construímos 12 centros de comando e controle - 12 centros de comando e controle. Esses centros de comando e controle, tinha, aqui no Rio de Janeiro, um deles que era centro de comando e controle nacional, backup do de Brasília. E hoje, eu acredito que essa integração que nós conseguimos, nascida aqui, que nós conseguimos fazer durante a Copa, garantindo um padrão de segurança de alta qualidade, se deve, da nossa parte, à nossa participação aqui, com vocês, em cada um dos centros de comando e controle. E eu queria dizer algumas coisas aqui.

Essa integração é que nós queremos que se reproduza. Nós queremos que haja centros de comando e controle nos 27 estados, não só apenas nos 12 da Copa. Nós queremos que haja uma ação conjunta integrada em todas as regiões do país, para impedir que o tráfico – e o tráfico – de drogas, armas e do crime organizado, não se dê impunemente, porque o crime age de forma coordenada em todo o território nacional ou em alguns territórios regionais. Nós não podemos nos dar ao luxo de agir de forma quebrada, fragmentada.

Eu tenho muito orgulho da política de segurança praticada aqui, nessa cooperação. Eu acho que não é trivial - e olhando aqui, Pezão, eu olho para as torres lá, do teleférico do Alemão, e quero dizer que a mim é um orgulho imenso ter participado da construção tanto da política de UPP, como de toda a recuperação do Alemão. Mas eu queria dizer que as UPPs aqui, as Unidades de Polícia Pacificadora, elas chegam a 184 comunidades. Eu acho impressionante o fato que sejam 38 UPPs, e que essas 38 UPPs, que abrangem mais de uma comunidade, elas tenham se estendido pela região centro, oeste, norte e sul dessa cidade, e agora tem uma que é na baixada. Acredito que foi um grande esforço, um grande esforço feito pelos governos e, da parte do governo federal, eu tenho a reconhecer a qualidade da parceria, a qualidade da parceria que resultou também como uma experiência que nós podemos ter certeza que podemos aplicar. Porque uma coisa é você colocar no papel, outra coisa muito diferente é você ter aplicado, saber que dá certo e ter uma, eu diria assim, uma referência, um padrão de referência. Dá a certeza que é possível fazer, é possível garantir um padrão, de segurança diferença, por isso, eu tenho muito orgulho de ter prorrogado também, a presença, a nossa presença em termos de GLO aqui, prorrogado, e tenho também, muito orgulho de ter feito, em parceria com vocês aqui do estado, toda a política de segurança da Copa. Acho que nós temos hoje, base, acúmulo e experiência para dizer: Dá certo integrar, dá certo agir em conjunto, dá certo juntar esforços, na área de equipamentos, na área de inteligência, dá certo. Dá certo agir em conjunto, e mais do que isso, hoje nós sabemos que há um desafio, que a população do país inteiro quer: uma segurança de melhor qualidade. Nós temos todas as condições de dar ao país uma segurança de alta qualidade. Por isso, eu

estou muito feliz de estar aqui. Porque aqui foi onde tudo começou. Essa experiência de integração e de cooperação começou aqui nas UPPs. Pezão, eu agradeço imensamente toda essa cooperação que nós tivemos. Mas, sobretudo, eu considero que aqui nós temos também essa base de experiência, junto com a da Copa, junto com o plano estratégico de fronteiras. Nós chegamos a um nível de experiência que pode, que permite que a gente diga com segurança: nós vamos mudar a segurança do país. Muito obrigado.

O major [capitão] Uanderson, que comandava a UPP do Alemão, foi morto. O major [capitão] Uanderson, faz parte desse imenso esforço feito, para que nós tenhamos uma nova segurança pública, um padrão de qualidade de segurança pública diferenciado. Então, eu não poderia deixar de homenageá-lo, homenagear e dizer uma coisa: honrar a memória do major [capitão] Uanderson é nunca desistir, é a certeza que todo mundo pode ter que nós iremos continuar determinados a enfrentar o crime organizado. Agora, eu queria também homenagear a todos aqueles, que durante todo esse processo de busca de uma maior segurança pública, morreram nas atividades relativas à busca dessa afirmação da segurança pública. Todas essas pessoas anônimas, que eu não vou citar hoje, mas eu homenageio e manifesto meu imenso pesar pela morte do major. Obrigada.

Ouça a íntegra (11min48s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-assinatura-do-decreto-de-renovacao-da-garantia-da-lei-e-da-ordem-11min48s>), da Presidenta Dilma Rousseff

19-09-2014 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com jovens atletas olímpicos e paraolímpicos - Brasília/DF

Brasília-DF, 19 de setembro de 2014

Bom gente, boa tarde eu acho já, né? Um bom dia a todos.

Eu gostaria de cumprimentar em especial os atletas olímpicos e paraolímpicos que nós recebemos aqui hoje.

Queria também cumprimentar a todos atletas que participaram dessa Olimpíada da Juventude, em Nanquim. E dizer que é muito bom a gente ver um atleta como o Matheus, com 16 anos ali, ganhando a sua medalha... Você tem 16, né? 16 ou 18? 18, 16 é você, não é Marcos Vinícius? Ganhando olimpíada. E aí a gente vê começar o roteiro para grandes desportistas.

Eu quero dizer para vocês que eu tenho muito orgulho, como disse o Andrew Parsons, muito orgulho de receber, sistematicamente, o Andrew Parsons, todos os atletas paraolímpicos e receber o meu querido Nuzman e todos os atletas olímpicos, sistematicamente, aqui no Palácio da Alvorada [do Planalto], vocês vão ser sempre muito bem vindos. Eu vou até reservar uma caneca para cada um, para tomar um cafezinho.

Eu queria também cumprimentar o pessoal do Ministério do Esporte cumprimentando o nosso querido Aldo Rebelo.

E também cumprimentar o secretário de Esportes de Alto Rendimento, o nosso Ricardo Leyser.

E dizer para vocês que, de fato, eu acredito que houve maior foco na questão do esporte quando se criou o Ministério dos Esportes. Não só houve maior foco, mas é inegável que o Ministério do Esporte, sob a liderança do Aldo e a equipe dele, cuidaram para que o Brasil tivesse uma política para o esporte no Brasil.

Eu vou lembrar todas as bolsas diferenciadas que nós temos, desde a bolsa para, justamente o atleta nacional, o jovem atleta, passando por todas as demais, a Bolsa Internacional para o atleta internacional e a Bolsa Pódio.

Vou lembrar também aqui o Brasil Medalhas. O Brasil Medalhas que eu tenho muito orgulho, viu? De estarmos construindo vários centros olímpicos e paraolímpicos. Em especial, eu também quero destacar o paraolímpico de São Paulo que eu tenho certeza que vai ser uma referência internacional. Eu pensava que era só para a América Latina, mas Nuzman, eu tenho certeza que o que o Andrew está falando é correto, vai ser uma referência internacional.

E eu espero que nessa nossa trajetória para 2016, eu ainda, Nuzman, quero visitar ainda - vou fazer um grande esforço para visitar lá o nosso Parque Olímpico, a nossa Vila Olímpica. Porque para um povo, para qualquer povo, a alma de um povo, ela pode se manifestar de algumas formas, mas certamente, de duas ela se manifesta: primeiro, em todas as atividades culturais, mas ela se manifesta também como um só coração diante do esporte. Porque o esporte, ele une. O esporte, eu acho que requer de nós os melhores valores. Primeiro, o valor da cooperação. Mesmo no esporte individual tem uma equipe, que é o atleta e seu

treinador, é o atleta e seus companheiros de equipe. No esporte coletivo você tem esse incentivo a cooperar. E você percebe - até como disse o papa, o nosso Papa Francisco na carta que ele manda para a abertura da Copa do Mundo, ele diz, eu achei até muito interessante, ele diz que a gente não pode ser fominha. Fominha no sentido de que não tenha aquele desempenho individual só, mesmo diante de um grande atleta. Desperta, também, eu acho, esse espírito de comunhão e de fraternidade, o esporte.

Então, eu acho que o Brasil, para construir novos valores, para construir valores que também são aqueles fundamentais que tem o esporte, que é ultrapassar seus limites, sempre ultrapassar seus limites.

E aí eu queria saudar o nosso secretário que está aqui presente, o Antonio José, Secretário Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. O Antônio José tem tido uma atitude muito determinada no que se refere ao nosso programa "Viver sem Limites". No esporte nós superamos limites. Em todas as áreas, na vida pessoal, a gente só consegue realizar os nossos sonhos superando limites. E por isso eu quero dizer para vocês que toda vez que eu recebo aqui atletas olímpicos e atletas paraolímpicos, eu estou diante de pessoas que estão superando limites. Ganhar a medalha de ouro em qualquer categoria, em qualquer campeonato é algo importante. Então, se eu lembro dos sete medalhistas de ouro dessa última Olimpíada da Juventude, eu queria cumprimentá-los, cumprimentando todos os atletas: os paraolímpicos e os olímpicos.

A Ana Patrícia, a Bianca... além da Bianca, a Laiane... a Laiane é você? A Laiane, o Edval, cadê o Edval? O Edval... ele é do taekwondo? Perigoso mesmo. O Marcus Vinícius, o Matheus... está faltando um: a Flávia. A Fávia? A Flavinha. Então, cumprimentando os sete, foram 15 medalhistas, mas estes sete são os medalhistas de ouro. Então eu encerro a minha fala propondo uma salva de palmas para todos eles.

¶
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-jovens-atletas-olimpicos-e-paraolimpicos-brasilia-df-07min31s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-jovens-atletas-olimpicos-e-paraolimpicos-brasilia-df-07min31s>)(07min31s) da Presidenta Dilma

23-09-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU) - Nova Iorque/EUA

Nova Iorque-EUA, 23 de setembro de 2014

Excelentíssimo senhor Sam Kutesa, presidente da 69ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Excelentíssimas senhoras e senhores chefes de estado e de governo participantes da Cúpula do Clima 2014. Senhoras e senhores representantes da sociedade civil.

Congratulo-me com o Secretário Geral das Nações Unidas pela convocação da Cúpula do Clima.

No último domingo, centenas de milhares de pessoas pediram nas ruas avanços concretos nas negociações em curso no âmbito da Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima.

O Brasil está sintonizado com este anseio. Temos participado ativamente destas negociações. Defendemos a adoção coletiva de medidas justas, ambiciosas, equilibradas e eficazes para enfrentar este desafio.

Reafirmo que o novo acordo climático precisa ser universal, ambicioso e legalmente vinculante, respeitando os princípios e os dispositivos da Convenção-Quadro, em particular os princípios de equidade e das responsabilidades comuns, porém diferenciadas.

Este acordo deverá ser robusto em termos de mitigação, adaptação e meios de implementação. O Brasil almeja um acordo climático global, que promova o desenvolvimento sustentável. O crescimento das nossas economias é compatível com a redução de emissões.

No Brasil, estamos fazendo isso. Ao mesmo tempo em que diminuimos a pobreza e a desigualdade social, protegemos o meio ambiente. Nos últimos 12 anos, temos tido resultados extraordinários.

Em 2009, na Conferência de Copenhague, anunciamos o compromisso voluntário de reduzir entre 36 e 39%, as nossas emissões projetadas até 2020.

Desde então, pusemos em marcha ações decisivas. Nosso esforço tem dado grandes resultados.

Ao longo dos últimos 10 anos, o desmatamento no Brasil foi reduzido em 79%.

Entre 2010 e 2013, deixamos de lançar na atmosfera a cada ano, em média, 650 milhões de toneladas de dióxido de carbono. Alcançamos em todos esses anos as quatro menores taxas de desmatamento de nossa história.

As reduções voluntárias do Brasil contribuem de maneira significativa para a diminuição das emissões globais no horizonte de 2020.

Senhor Presidente, prezados colegas Chefes de Estado e de Governo.

O Brasil, portanto, não anuncia promessas. Mostra resultados.

Nossa determinação em enfrentar a mudança do clima não se limita à Amazônia brasileira.

Estamos cooperando com os países da Bacia Amazônica em ações de monitoramento e de combate ao desmatamento. Devemos também contribuir para a redução do desmatamento com os países da Bacia do Congo.

Internamente, adotamos planos setoriais para a redução do desmatamento no chamado Cerrado brasileiro; para o aumento das energias renováveis e a promoção da Agricultura de Baixo Carbono.

O Brasil é um grande produtor de alimentos. Temos consciência que as técnicas agrícolas de baixo carbono, ao mesmo tempo em que reduzem emissões, elevam a produtividade do setor agrícola.

Por sua vez, na pequena agricultura familiar, nela as práticas agroecológicas, ajudam a reduzir a pobreza no campo. Ambos programas são decisivos para a segurança alimentar e nutricional de milhões de brasileiros.

A produção agrícola de grãos se dá sobretudo pelo aumento da produtividade com uma expansão menor da área agrícola plantada. Tamanho crescimento da produtividade só é possível com muita pesquisa e inovação, muito investimento e intenso apoio do governo federal.

Tudo isso desfaz a pretensa contradição entre produção agrícola e proteção ao meio ambiente. Prova que é possível crescer, incluir, conservar e proteger o meio ambiente, que é o lema da reunião do clima Rio+20.

Senhor Presidente,

Desastres naturais relacionados à mudança do clima têm ceifado vidas e afetado as atividades econômicas em todo o mundo. Num quadro de injustiça ambiental, as populações pobres são as mais vulneráveis, principalmente nos grandes centros urbanos.

No Brasil, implementamos a Política Nacional de Prevenção e Monitoramento de Desastres Naturais, com o objetivo de impedir que esses desastres causem danos às pessoas, com perdas de vidas, ao patrimônio e ao meio ambiente.

Até o final deste ano, no marco desta política nacional de prevenção e monitoramento de desastres naturais, submeteremos à sociedade brasileira o plano nacional de adaptação.

Os custos para enfrentar a mudança do clima são elevados, mas os benefícios compensam.

Precisamos reverter a lógica de que o combate à mudança do clima é danoso à economia. A redução das emissões e ações de adaptação devem ser reconhecidas como fonte de riqueza, de modo a atrair investimentos e lastrear novas ações de desenvolvimento sustentável.

Historicamente, os países desenvolvidos alcançaram o nível de bem estar de suas sociedades graças a um modelo de desenvolvimento, baseado em altas taxas de emissões de gases danosos ao clima, ceifando florestas e utilizando práticas nocivas ao meio ambiente.

Nós não queremos repetir esse modelo.

Mas não renunciaremos ao imperativo de reduzir as desigualdades e elevar o padrão de vida da nossa gente.

Nós, países em desenvolvimento, temos igual direito ao bem-estar. E estamos provando que um modelo socialmente justo e ambientalmente sustentável é possível. O Brasil é um exemplo disso

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do [\(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cupula-do-climan-2014-na-sede-da-onu-nova-iorque-eua\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cupula-do-climan-2014-na-sede-da-onu-nova-iorque-eua)(07min34s) da

Presidenta Dilma